

O DESAFIO DA AUTONOMIA

A escolha deste tema para reflexão emergiu da importância que julgo ter o processo de individualização de cada pessoa. É a partir da autonomia que a dança da vida acontece em ritmos multiformes. A padronização criada por modelos rígidos impede o fluir energético da vida e, a dança passa a ser angustiante. Em grande parte os modelos institucionais são lógicos, definidos a priori e por isto impedem o desenvolvimento natural da vida. Tendo presente esta realidade, pretendo nesta abordagem demonstrar que a meta do ser humano é conquistar a sua autonomia. Autonomia que se dá na dialógica da vida em cada momento histórico e, se relaciona em todas as direções. É a busca da integralização, que só é possível se houver um processo de construção da autonomia. Ao tratar autonomia e individualidade entendo como relativa, pois existe uma inter-relação dos fenômenos. O problema na prática é entender a autonomia de maneira sectária e o pior é, absolutizá-la.

A dialógica da vida, que emerge da autonomia, sem dúvida, incomoda os defensores das estruturas excludentes responsáveis pela morte de milhões de seres humanos de todos os continentes. Vivemos numa sociedade desencantada e o resgate das dimensões fundamentais da vida são urgentes a cada momento. As palavras de Bertold Brecht nos animam nesta busca: "Você está abatido? Levanta-te! Você pensa que está perdido? Ao Combate! Você se considera um desgraçado? É momento de marchar! Os vencidos de hoje serão os vencedores de amanhã. E o 'jamais' se transformará em: HOJE".

Desenvolver uma atitude otimista diante da vida é de fundamental importância. Isto porque hoje, não é só o ser humano que está ameaçado na sua existência, mas todo o planeta. Entrar na sintonia da vida é a expressão maior de que somos "centelhas divinas". Para participar do projeto criador é preciso acordar, despertar do sono que as instituições nos submetem, para que a vida não passe despercebida. Como afirma J.

L. Moreno: "A tarefa do nosso século é reencontrar uma posição para o homem no universo". Penso que a ação pastoral deverá contemplar esta questão e intensificar o contato do ser humano consigo mesmo e então dos seres humanos entre si, abrindo-se ao universo.

Percorrendo este caminho, procuro em primeiro lugar analisar as dicotomias existenciais e históricas da pessoa humana, passando pela identificação, ruptura, racionalidade, busca de autonomia dentro do movimento da modernidade.

No segundo momento, centro a reflexão no processo de desenvolvimento humano como busca da individualidade. Entendo esta busca como caminho saudável que perpassa a vida toda, desde o pré-natal até o social, isto é, desde a simbiose até a diferenciação.

Por fim, procuro analisar a busca dialógica em três níveis: social, institucional e familiar. Procuro entender como se dá o processo de individualização e a busca de autonomia nestes três níveis, para isto, utilizo alguns dados históricos e concretos.

1. DICOTOMIAS EXISTENCIAIS E HISTÓRICAS DA PESSOA HUMANA

O ser humano em toda a sua história buscou um modo de conhecimento e de compreensão do mundo, como lugar de atribuição de sentido aos dados da realidade e a conseqüente estruturação de sistemas significativos. Para superar a angústia existencial e econômica o ser humano criou e continua criando mecanismos para sobreviver. Nesta busca incessante para compreender a origem, o tempo presente e o futuro, o ser humano tem procurado ordenar, dar sentido às coisas tendo em vista organizar e orientar a vida na sua globalidade. Neste processo os seres humanos em diferentes momentos históricos nem sempre contemplaram as questões vitais.

O ser humano constrói a realidade através de normas, leis, valores e conseqüentemente interfere no rumo da história. Tendo presente estas questões, analiso alguns aspectos do processo de sistematização e organização da vida.

1.1. A identificação com um modelo

A cultura ocidental durante séculos buscou padronizar o ser humano identificando-o com um modelo. Modelo cultural único que tinha como meta enquadrar as diferentes formas de se posicionar no mundo. Esta cultura gestada a partir do Cristianismo unificado com o poder imperial romano alastrou-se es-

pecialmente pelo Ocidente. Tendo como referenciais a concepção helenística que dividia o ser humano em corpo e alma, uma forma de viver que priorizava a alma. Passam a sistematizar normas, leis, princípios a partir de concepções que possuíam de divindade e dos interesses em perpetuarem-se no poder. É o universo greco-latino que predominava em todo o Império Romano e conseqüentemente influenciou a produção cultural do Ocidente.

A articulação cultural ocidental cristã passa por inúmeras transformações, influenciada pelas múltiplas culturas, mas consegue se impor como modelo “supracultural”. Um modelo que se propõe ser universal, estático e imutável, dissociado do concreto e do real, um conjunto apenas de idéias e sentidos, de valores e princípios.

Este quadro cultural vai se consolidando sempre mais, principalmente na segunda metade do primeiro milênio de nossa era. Até a Idade Média européia amadurece uma forma “monocultural” que se impõe como modelo hegemônico. Este modelo se expandiu para as novas terras colonizadas. Transmitiu-se durante séculos essa fisionomia cultural.

O preço deste modelo foi a eliminação de povos diferenciados. Povos autônomos, que não se enquadravam no modelo, foram eliminados. Os que sobreviveram foram “enquadrados” tornando-se em grande parte povos submissos.

Este modelo monocultural ocidental cristão, utilizando-se de todas as forças, exclui, assassina, queima em fogueiras grupos, povos e organizações que proclamavam a autonomia. Como modelo totalitário, sectário, não suportava o diferente, tanto individual de como povos inteiros. Para atingir seus objetivos de controle não era possível respeitar a autonomia.

É importante perceber que este traço cultural é muito encontrado em nosso continente. Povos mesmo resistentes contra o modelo oficial, em grande parte, não sobrevivem por terem sua identidade diluída. Resultam povos pouco encantados com suas raízes culturais e com projetos sociais enfraquecidos pela uniformização e massificação.

O período histórico do pensamento uniformizado, totalitário, sacralizado, onde a palavra determinante era a da Igreja católica, chamamos de pré-moderno. Isto falando a partir do Ocidente, pois o Oriente desencadeia um outro processo que em parte, escapa deste modelo. Dentro deste modelo cultural é a Igreja católica que se propõe como a única protagonista da história. Não há espaço para pensar diferente — há uma uniformização, padronização. Sociedade que se articula pela união do poder econômico-político-religioso. Em certos momentos havendo uma profunda fusão ou simbiose. Muitas vezes levantaram-se contra

este modelo e passaram a pensar o tempo presente como crítica dessa tradição, desse passado e de seus mitos.

A história comprova: por mais que o modelo tente se impor, nivelar o diferente, arrancar o potencial e identificar com um único modelo através de estruturas dominadoras, a vida escapa por entre os dedos dos opressores, como também encontra veios que escorrem por entre os muros e ampliam-se numa dança resistente e dinâmica. Constatamos que o modelo dominador mesmo sacralizado, com suas leis elaboradas a partir dos interesses de instituições concretas, não conseguiu controlar a totalidade da força transcendente da vida.

Olhar unicamente pelas lentes do religioso inviabiliza a percepção dos múltiplos aspectos do cotidiano. Acaba se tornando uma leitura uniforme, sectária — isto pelo fato dos detentores do poder religioso se outorgarem o direito de dizer o que pode ou não ser dito e feito. Se, por um lado se julgam onipotentes; por outro, criam a culpa — as duas formas servem para dominar.

1.2. Modernidade — busca de autonomia

Como reação ao estabelecido, surge o movimento chamado de modernidade. Tem seu advento com Descartes, no século XVII, quando a pessoa passa a ser o sujeito e vai para o início, para o centro do pensamento, constituindo-lhe o fundamento “Penso, logo sou”. É uma nova realidade que se contrapõe aos domínios do: Estado, Sociedade, costumes, valores, moral, Religião, etc. Expressa-se num conjunto de discursos sobre a razão autônoma, sobre liberdade, democracia, felicidade, etc.

A modernidade é um fenômeno de ruptura, de emancipação diante da religião, da tradição, da Igreja católica, da Cristandade concretizada na união Igreja-Estado, da cultura ocidental e passa a respeitar a diferença. A via para explicar o porquê das coisas não é mais a religião. O ser humano passa a ser o sujeito da história. Liga-se a “essência” à “existência”, rompe com as leis, normas definidas a priori.

O “Eu” do ser humano emancipado conhece o mundo pela ciência e o domina pela técnica. Com a modernidade emergem de forma sistemática as inúmeras ciências que passam a olhar o mundo através de outros olhares dispensando para isto a religião oficial. Passa a ser gestada uma sociedade com seus fundamentos na racionalidade e por isto secularizada.

Este movimento da modernidade no seu processo vai criando a cultura moderna que é plural. Países, regiões, segmentos sociais vivem a modernidade de maneira concreta e diversificada. Possuem características comuns mas não se iden-

tificam com ela. Outro fruto desse processo de apropriação do conhecimento é a modernização que se traduz em tecnologia com todas as suas contradições.

Este processo de diferenciação abre caminhos para o capitalismo que num processo gradual desloca o centro — que a princípio era o ser humano — passa para o mercado. O mercado com recursos mais sofisticados, portador de uma tecnologia avançada, passa a massificar, unificar e por outro lado eliminar os que não se identificam com este novo modelo. O projeto neoliberal em plena expansão e globalização intensifica o modelo cultural excludente, destrói a vida por ser extremamente anti-solidária.

Não podemos analisar a modernidade de forma unilateral, sectária. É preciso reconhecer os valores produzidos para uma melhor qualidade de vida. O problema é que o mercado se apresenta como o único modelo a ser seguido. O que está em cheque é a exclusão dos que não conseguem participar destes benefícios e por isto “não existem” para o mercado, que passa a ser o regulador da vida.

1.3. Limites da racionalidade

O movimento da modernidade acolheu a existência, mas passou a se revelar num humanismo abstrato. Isto se dá pelo fato da afirmação “Penso, logo sou” estar muito próxima no processo de colonização do lema: “Conquisto, logo sou”. Muitos pensadores deste movimento cultuam um “elitismo”, consideram-se a salvação do mundo e temem horrorizados a vida e o ser humano concretos com suas aspirações, necessidades, desejos, utopias e uma gama de ambigüidades. Este elitismo assumiu muitos rostos na história. Os colonizadores deste continente se julgavam superiores. Os brancos civilizados contra os não civilizados índios, negros — são qualificados como incapazes de pensar e consequentemente desencadearem obras civilizatórias.

Outra visão elitista atribui ao homem a razão, resultando na opressão da mulher. Da cultura machista resulta a dicotomia: homem/mulher, noite/dia, dentro/fora, sagrado/profano, certo/errado. Dicotomia esta que não favorece o desenvolvimento funcional da vida. Esta divisão se dá também no corpo: em cima: racionalidade, princípio de realidade, pensamento discursivo = controle; em baixo: corporal, emocional, sexo, prazer, irracionais, impulsos = deve ser controlado, cheio de culpas. As descargas acontecem quando o controle torna-se impossível, é preciso voltar ao controle. Dentro da cultura machista o homem, quando tem estes impulsos, é justificado racionalmente. A mulher é desequilibrada/histórica. Isto se traduz em conseqüências sociais: ao homem pertence a racionalidade, o poder, a vida econômica e à

mulher, a emocionalidade. À classe dominante pertence o controle da organização social, política, econômica, enquanto que os excluídos são qualificados de emotivos, irracionais e explosivos, por isto incapazes de gerir as organizações.

Esta dicotomia tem inúmeras conseqüências na articulação do cotidiano, da vida. O problema está na forma de ver/analisar a realidade. Uma análise racional fragmentária, setORIZADA não detecta a integridade da vida e das relações sociais. O medo do concreto remete a um modelo ilusório de organizar a vida. Isto porque o “elitismo” não se expõe ao risco de viver a história concreta e, conseqüentemente, não assume os limites que a realidade impõe.

Dentro deste modelo que põe o centro da vida no mercado, os que não conseguem participar são eliminados literalmente, isto não só individualmente; são povos, países inteiros, que são excluídos por não se identificarem e não encontrarem formas de participar neste modelo. A base para participar é a competição, para isto há exigências que de antemão inviabilizam a participação de milhões de seres humanos.

Garantir a autonomia não interessa para os defensores da globalização.¹ Sobrevivem os que entram na identificação global. As tentativas de diferenciação são castradas na sua essência, na sua identidade. É preciso padronizar: comer, vestir, falar, fazer, ouvir ... as mesmas coisas e em todos os recantos do mundo, para poder ser. Para ser é preciso ser igual. É a morte da individualidade, da identidade, como pessoa, povos, etnias, etc.

Sentimos que o avanço da modernidade foi e está sendo fantástico em muitos aspectos, mas por outro lado, há um desencantamento. O desencantamento rompe com o modelo de identificação proposto pela macroestrutura. Cria uma competição entre diversos universos simbólicos, e cada um se atribui a tarefa de dar sentido e estruturar a vida inteira. Esta postura é um avanço em relação à sociedade tradicional monolítica em que uma interpretação global detinha a hegemonia. Mas, por outro lado, acarreta outros problemas pelo fato de não detectar a funcionalidade da vida.

É interessante observar como as relações de grupos setORIZADOS na microestrutura, reproduzem o esquema totalizante da macroestrutura. Julgam-se no direito de definir a maneira do diferente organizar a vida sem levar em conta o universo específico. Absolutizam o próprio modelo e exercem nova dominação². Neste sentido percebemos todos os movimentos sectários e fundamentalistas que se julgam portadores da “verdade”.

Outro limite da racionalidade sectária é a de enquadrar toda a vida dentro do esquema econômico. Manipula todas as dimensões da vida como: a arte, festas, idéias, trabalho, esporte,

1. Cf. Octavio IANNI. *A Era do Globalismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

2. Cf. Hugo ASSMANN e Franz J. HINKELAMMERT. *A Idolatria do Mercado*. Ensaio sobre Economia e Teologia. Petrópolis, Vozes, 1989.

lazer, etc., transformando-as em mercadoria. A vida passa a centrar-se no ter e não no ser. O valor da pessoa é projetada fora de si mesma, identificando-a com as coisas que possui. Não sendo possível ampliar os bens, cresce a frustração e o desencanto. A estrutura burocrática também é impessoal e gera uma sensação de impotência generalizada. As reações são diversas: a grande maioria voltam para casa, ficam no anonimato; outros partem para a violência, intensificando a repressão; um pequeno grupo faz a política do possível, isto é, buscam os veios por onde flui a vida e, por mais repressor que seja, o sistema não consegue represar esta força. O desafio é trilhar o caminho da “busca do possível... dentro do impossível”. Os avanços vitais tanto na micro como na macroestrutura se dão por causa desta força sutil, gestadora de um potencial transformador impressionante. Este potencial rompe o vazio que a impotência cria.

3. Sobre este tema Cf. David HARVEY. *Condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 1993.

Hoje muito se fala em pós-modernidade³, muitas vezes entendida como rendição ao mercado absolutizado. Alguns pensadores resumem o espírito num *slogan* muito conveniente aos detentores do poder em todas as escalas sociais: “Nem pensar, nem transformar”. Esta prática renuncia a todo esforço seja intelectual prático, seja de buscar alternativas. Sinto que um dos caminhos dentro da chamada pós-modernidade seja o de aprofundar, descobrir a identidade e articular a especificidade emergente da individualidade com outras no âmbito social. Construir este caminho não é possível a partir de idéias predefinidas, mas sim da emergência do real e não do ideal.

Para conquistar a autonomia é urgente ligar-se a projetos concretos do cotidiano da vida social. Sem dúvida, seguindo este dinamismo, inúmeras perspectivas se abrirão para a construção de um novo ser humano e, conseqüentemente, novas formas de relações sociais.

2. INDIVIDUALIDADE — CAMINHO SAUDÁVEL

O que percebemos na sociedade seja ela pré-moderna, moderna ou pós moderna — isto porque no mesmo espaço geográfico convivem as três formas de se posicionar, agir e ver a realidade — é que, se não há um processo de individualização, de autonomia, as relações ficam truncadas e conseqüentemente há frustração proveniente da massificação, uniformização ou, numa linguagem tecnológica, da “formatação”. A reação a esta padronização é o individualismo que também não gera relações saudáveis. Procurando entender a importância da construção da individualidade do ser humano, analiso como este processo se desenvolve.

2.1. A individualidade pré-natal

Inúmeros estudos apontam para a maravilha e compreensão de que o útero define as esferas da criança. A maneira como ela recebe as mensagens intra-uterinas — acolhida, rejeitada, frieza, indiferença — é que determinam a personalidade e criam as predisposições do caráter.⁴ Isto é, o mundo para criança parecerá exatamente como lhe havia parecido o útero.

Os sentimentos essenciais como o amor e a rejeição têm repercussões sobre a criança muito cedo. Segundo o pesquisador Thomas Verny: “A medida que o cérebro da criança vai se desenvolvendo, as sensações e os sentimentos primitivos se transformam em pensamentos e sentimentos mais complexos para chegar enfim, às idéias puras”.⁵ Por volta do sexto mês a criança passa a tomar consciência de si mesmo como “individualidade” distinta, passa a ser mais modelado pelo conteúdo puramente emocional das mensagens maternas. “Por ocasião do nascimento, o recém-nascido é suficientemente maduro para poder reagir aos sentimentos maternos com grande precisão e elaborar respostas físicas, emocionais e cognitivas”.⁶

A partir do momento em que a criança é capaz de lembranças e sentimentos, isto é, marcada pela experiência, seu Eu começa a se formar. O feto atinge um grau suficiente de maturidade por volta do sexto mês de sua existência; segundo esta hipótese, pesquisadores crêem que é o período em que se começa a delinear a personalidade. No período fetal e neonatal há consciência de existir, sem, contudo, ser, pois sua percepção inicial é inconsciente. Afirmam que uma atitude positiva diante da gravidez, associada ao fato de colocar no mundo uma criança do sexo desejado, cria o campo favorável ao desenvolvimento harmonioso da personalidade. Inclusive os gostos sexuais de um indivíduo exprimem a maneira pela qual ele aprendeu e se percebeu antes do nascimento. “No Eu fetal a relação com a mãe é fusional”, o movimento é da mãe em relação ao filho, “enquanto que no Eu neonatal a relação se caracteriza por uma simbiose”, nesta fase o movimento é do bebê em relação à mãe, que deve estar disponível para atender suas necessidades.⁷

No campo fusional se não for possibilitado um desenvolvimento saudável cria uma cobertura autista, psicótica. São defesas e, colocam os limites para a formação da identidade do Eu. O feto tem o Eu — mas pouco corporal. O nascer possibilita a integralização. Não tendo o Eu delimitado, a sensação existe — mas não sabe o que fazer com ela. Os cérebros são dissociados e a energia do psicótico se concentra mais no cérebro reptiliano, isto é, busca garantir a sobrevivência.⁸ Não sabe de onde vem o perigo então não dá para denominá-lo. A

4. Esta temática permeou as obras de Reich como também permeia as obras e atividades dos pensadores de hoje, como de F. Navarro e tantos de varias instituições: Instituto de Orgonomia Ola Raknes, Escola de Orgonomia Latino-Americana, Sociedade de Vegetoterapia de São Paulo entre outros. Esteve muito presente nas obras de um outro grande pensador J.L. Moreno que em seus trabalhos analisou com profundidade a Matriz de Identidade (formação do EU) e as etapas do seu desenvolvimento. De Moreno cito: *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo, Duas Cidades, 1984; *Psicodrama*. São Paulo, Cultrix, 1993, entre outros.

5. Thomas VERNEY. *A vida secreta da criança antes de nascer*. São Paulo, C. J. Salmi, p. 52. Verney partindo de inúmeras pesquisas analisa todo o processo intra-uterino. Para o objetivo desta reflexão destaco apenas alguns pontos.

6. Thomas VERNEY. op. cit. p. 53.

7. Cf. Fernando T. ACOSTA. Reflexões sobre identidade e vegetoterapia caracterioanalítica, humanizando-nos... In: *ENERGIA, CARÁTER E SOCIEDADE*. n. 1, agosto de 1990, p. 36.

8. A Vegetoterapia parte do princípio dos três cérebros para entender o ser humano. Reptiliano — responsável pela sobrevivência; Límbico — responsável pela afetividade, comunicação, amor; Neo-cortex — responsável pela sistematização. Entre outros aspectos a Vegetoterapia entende que a saúde resulta do fluir energético entre os três cérebros.

identificação na vida se dará com uma pessoa, objeto, etc., e não consigo mesmo. É um bebê grande.

O papel da mãe dá o ritmo, fornece sinais e modela as respostas da criança. Mas a criança decide se as solicitações fazem sentido ou não. A ligação no útero não é automática. É preciso tempo, desenvolvido com amor e compreensão para que a ligação funcione de maneira satisfatória. Mesmo que a criança seja dotada de resistência e flexibilidade, ela não pode comunicar sozinha; se a mãe bloqueia a comunicação afetiva, ela fica desamparada.

É importante observar que não é o stress passageiro que afetará a criança com marcas profundas na personalidade e, sim, o de longo prazo. Mesmo que o sucesso e insucesso da formação da criança, tanto antes como após o nascimento, dependa da mãe, é importante levar em conta o papel do pai e do ambiente social. Estes espaços são determinantes para criação de um campo favorável a um processo de gestação saudável, porque tudo que inquieta a mãe, inquieta a criança.

A racionalização e mecanização do Ocidente têm destruído a confiança e profunda ligação natural existente desde o momento da gravidez. O nível de comunicação não é só fisiológico, e sim comportamental, de sintonia ou não com o novo ser. Infelizmente uma sociedade doente, gera mães e filhos doentes.

Creio que sempre há saídas; e a educação é o caminho para a emergência de indivíduos saudáveis e, conseqüentemente, de sociedades saudáveis. Isto se dará se desde a preparação para a gravidez, houver compreensão de que se gestará um novo ser e que o desenvolvimento saudável dependerá de uma articulação entre mãe, pai, família, escola, sociedade. O novo ser está no primeiro campo, em relação simbiótica com a mãe, mas dependerá dos outros dois para atingir a sua autonomia e criar também relações saudáveis.

2.2. A individualidade como busca

Com o desmame a criança passa para o 2º campo. Começa a engatinhar e “diz” bai, bai mamãe. Passa da motilidade para a mobilidade e esta mudança profunda inquieta a mãe que procura segurar. Mãe controladora entra nas entranhas do outro, prende o filho na dependência, impedindo-o de partir em busca de novas coisas e de ir construindo o seu Eu. Uma atitude inibidora por parte da mãe e família impedem um desenvolvimento saudável.

Este jogo é muito forte pois a mãe passa a ser a referência para as atitudes — olha para a mãe para ver se gosta. A criança aprende a decodificar as mensagens e a desconfiar das sensa-

ções — é o caráter masoquista. A mensagem sutil é: “Você terá tudo se não adquirir a sua independência”. “Permanecendo dependente você terá tudo”. Esta atitude cria uma confusão do que a criança sente.

A fraqueza no Eu de cada pessoa é como a criança que não está andando. A energia não chegou no Eu — no peito, por isto tem extrema dificuldade em receber. Não tem peito para entrar nos projetos, é como se fosse um bebê crescido. Pois é o peito e os braços que fazem entrar nos projetos.

Pouca energia no peito é o fátílico-narcisista e o histérico que procura contato. Mas tem medo, medo da mãe castrar. Preso a esta fase também, está o oral insatisfeito que sempre está procurando a mãe. É uma criança carente que não aceita a realidade. Está em busca de um ideal e não cabe uma relação com um terceiro. Busca um ideal de Eu, um Eu imaginário. A relação é sempre a dois. Enquanto que a oralidade reprimida é a onipotência. Não precisa do outro, dá muito e não quer receber. Culpa e onipotência é fuga da realidade.

Não conquistar a individualidade, a simbiose continua e é problemática. A individualidade está ligada a uma amamentação adequada que se dá no processo de olhar o seio e o rosto da mãe. Eu e o outro e algo que nos une. Neste segundo campo é que aparece a diferença e, conseqüentemente, inicia os conflitos. É o despertar forte para viver a individualidade e não a simbiose.

O desmame possibilita a passagem para o campo familiar. A criança amplia o seu campo de relações e a relação simbiótica com a mãe deixa de existir. Neste período do desmame, em torno do nono mês, a criança com a mudança de alimentação cria transformações muito significativas, pois a criança começa a mastigar, utilizar os dedos, andar, passa a agir e isso dá uma sensação de poder.

É importante ressaltar que a amamentação não é só alimentação, mas sim amor, calor, que cria condições para o amor. Amar é reconhecer e despertar com o outro. Segundo Navarro 45% da população são "bordeline" porque a passagem ocorre com dificuldade. O "bordeline" tem uma sensação de perda, pela amamentação inadequada e desmame inadequado.

A criança precisa da mãe para construir o seu Eu. Ela primeiro incorpora a figura da mãe para depois se desidentificar. Isto acontece quando a criança descobre que o mundo não é só a mãe, mas também é ela mesma. Existe uma relação com o não-Eu e o Eu só pode ser construído a partir do não-Eu. Com o desmame é o caráter da criança que passa a ser construído, é o primeiro passo para autonomia... É capaz de intervir na sua formação e de alterar o meio. Passa a ter noção de espaço e tempo, dá os primeiros passos.⁹ A aquisição da individualidade

9. Sobre a formação da caracterialidade ver o interessante trabalho de Frederico NAVARRO. In: *Caracterologia Pós-Reichiana*. São Paulo, Summus, 1995, pp. 15-24.

exige uma agressividade. Se o recém-nascido não for agressivo não sobrevive.

Todo processo educacional deveria se basear no contato consigo mesmo e com o outro. Neste processo percebem-se as potencialidades e os limites. Infelizmente na sociedade as relações são, na grande maioria constituídas a partir do Eu ideal. A questão básica que a sociedade coloca é: quem é o melhor? Para "ser" é preciso fazer com que o outro não seja. É uma deturpação do sentido da vida e do saudável caminho em busca da individualidade, de poder "Ser com o outro".

2.3. A individualidade como saúde

A busca fundamental de toda pessoa é dar-se uma individualidade, por isto, é preciso regozijar-se com a diferença, pois é "a diferença que nos caracteriza como seres humanos". O prazer está na percepção e articulação da diferença.

O problema é que vivemos numa sociedade doentia onde a tendência maior é a busca de simbiose e não da individualidade. Existe uma exigência social no sentido de articular as relações através da padronização de um modelo, negligenciando a diferença.

O diferente mostra alguns movimentos que podem ameaçar ou enriquecer dependendo do processo de vida de cada pessoa. O pai tem uma importância fundamental para que a passagem da criança se dê com naturalidade do segundo para o terceiro campo, que é o social. A vivência no terceiro campo é bem limitada, isto se dá por uma série de entraves culturais que determinam a postura do pai e da família em relação à educação dos filhos.

Viver a diferença, a autonomia numa sociedade que busca manter a simbiose, é desafiador. Talvez o grito mais forte que emerge dos porões do ser humano seja "quero ser diferente, mas quero ser amado". Infelizmente poucos escutam. O diferente incomoda, exige definição e que cada um perceba a sua diferença com todas as ambigüidades. A mãe que reproduz o que a sociedade espera, isto é, a padronização, uniformização dos filhos, o faz porque também foi produzida por ela. Também foi padronizada, não adquiriu a sua individualidade e autonomia.

Olhando a humanidade assim, percebemos a divisão em termos de caráter: Para quem não nasceu, é impossível ser autônomo (Psicótico — 30% intra-uterino). Tudo o que não está em casa com ele nem com o universo como é possível ser autônomo ("Bordeline — 45% do nascimento até 9 meses); como responder quem é o outro se o eu não está constituído. E a falta de confiança impede de arriscar-se; por isso não percebe seus va-

lores (Psico-neurótico — 20% dos 9 meses até a puberdade). E o neurótico (4,9% da puberdade até a maturidade) que já possui um pouco mais de luz, mas não está inteiro. Talvez existam 0,1% de caráter genital, isto é maduro.¹⁰ O potencial de formação caracterial é o resultado de toda a história da pessoa.

Neste sentido se confirma a afirmação de Ortega Gasset: “Eu sou eu e minhas circunstâncias”. Sou fruto de uma estrutura social que tem suas exigências. Exigências fora de foco por estar centrada nas relações de ter e do que está para acontecer.

Dentro da dinâmica da vida, sabemos que a grande luta pela independência, pela autonomia e a passagem para o 3º campo se dá na adolescência. Existe uma ampliação do universo da pessoa desde gravidez: nascimento, família, parentes, até chegar à adolescência — onde descobre o seu corpo. Rompe a simbiose com a família e descobre outras funções do corpo: orgasmo/ejaculação. “Só quando adquirimos a capacidade de passar da dependência externa para a dependência interna, ou seja, quando nos parimos quotidianamente e nos oferecemos — a nossa própria “luz”, poderemos dizer que alcançamos a maturidade do carácter. A esta altura, na puberdade, teremos um caráter maduro ou genital, uma personalidade.¹¹

Para chegar à “autonomia” no campo social é preciso romper a simbiose familiar. Aqui é que está um dos grandes problemas, porque faltam referências, “modelos”, para os adolescentes, para a grande maioria os pais não são. Num primeiro momento a assimilação de um papel se dá pela identificação e só no processo é que se dá a diferenciação. A insegurança dos pais frente a esta realidade os leva a tomar duas atitudes — uns puxam o adolescente para dentro da família, mantém a simbiose pela pressão, violência; outros jogam para fora, para longe, não suportam a busca e conseqüentemente o rompimento da simbiose.

Como afirma Frederico Navarro: “a psicose que encontramos no hospital psiquiátrico teve seu início na adolescência, contemporaneamente a uma mudança biológica hormonal e a uma situação existencial que o obriga a ser adulto, a ter responsabilidades, a fazer funcionar a vida sexual. Isto pode ser um choque para os adolescentes. E não é, por acaso que hoje os adolescentes se drogam. A droga é um artificial, é a ilusão de poder conseguir um prazer, mas com a droga o sujeito se dissocia da realidade, é uma forma de voltar à vida intra-uterina, pois o psicótico tem falta de contato e de comunicação. Na formação do caráter, um bloqueio no primeiro nível é determinante, no sentido em que se existe uma condição psicótica, não pode haver uma formação caracterial. O psicótico não tem caráter porque não tem um Eu, para se ter um caráter deve-se ter um Eu e nesta

10. Estes dados foram fornecidos pelo grande cientista, pesquisador e professor Frederico NAVARRO nas aulas do curso de Operadores Ergonômicos na SOVESP em 1995.

11. Fernando T. ACOSTA, op. cit. p. 39.

12. Frederico NAVARRO. A sistemática, a semiologia e a semântica da vegetoterapia carac-toanalítica. In *ENERGIA, CARÁ-TER E SOCIEDADE*. N. 1, agosto de 1990. Rio de Janeiro, I.O.O.R./E.O.L.A., p. 27.

13. Wilhelm REICH. *O Assassina-to de Cristo*. São Paulo, Martins Fontes, 1995. p.206. Ver também REICH, *Escuta Zé Ninguém*.

14. Frederico NAVARRO e Maria B. DE PAULA. Um novo brasi-leiro para um Brasil novo. In *ENERGIA, CARÁTER E SOCIE-DADE*. N. 3, junho de 1994, I.O.O.R./E.O.L.A., RJ, pp. 173-175. No psicodrama se traba-lham-se com muita propriedade os papéis sociais — onde predo-mina a função “de realidade”, isto é, a dimensão da interação social. Cf. E. Garrido MARTÍN. *J. L. Moreno: Psicologia do Encon-tro*. São Paulo, Summus, 1983.

situação de falta de contato é impossível conseguir o início da formação do Eu”.¹²

Recente pesquisa da Folha de S. Paulo sobre drogas afirma que 50% dos que se iniciam são adolescentes. Isto confirma que necessitam de algo externo para poder “enfrentar” o 3º campo, o campo social. Além da droga, são inúmeras as ofertas externas para os adolescentes: o consumismo, “gangues”, vio-lência, como maneiras de preencher o vazio e se postar na so-ciedade. Infelizmente os resultados são desastrosos. A questão é que não são só os adolescentes que não conseguem um espa-ço. A sociedade também não suporta a ruptura e a chegada desta força vital. Não existem ritos de passagem que possibi-litem uma sadia individualização. Os ritos são repressão, confi-namento, manipulação, eliminação, para que haja “paz” na so-ciedade doentia. É preciso manter a coesão.

Sem a passagem para o social jamais teremos uma sociedade saudável. Neste processo todos somos co-responsáveis. Reich afir-ma que é preciso parar de culpar o “bode expiatório” e entender: “para cada grande pensamento humano que se bate pelo denomi-nador comum da humanidade, há um paralelo do Zé Ninguém que arruína cada simples pensamento de esperança do homem”.¹³ É a peste emocional, a couraça que torna a humanidade desampa-rada e prostrada, conseqüentemente o terror da vida.

A falta de identidade reproduz modelos externos seja euro-peus, norte-americanos, asiáticos, mas que acabam mantendo as relações de simbiose com o modelo familiar. Só é possível atingir a maturidade individual e social rompendo com a iden-tificação com um modelo, seja nacional ou importado.¹⁴ Isto se constrói não com complexo de culpa, inferioridade, onipotên-cia, e sim, com responsabilidade.

3. AUTONOMIA — BUSCA DIALÓGICA

Mesmo que algumas organizações sociais totalitárias se pro-punham dar todo o direcionamento da vida, a história comprova que tal pretensão não foi aceita passivamente. O pulsar da vida em muitas organizações, povos e pessoas tem demonstrado uma re-ação efetiva à padronização. Neste sentido, analiso algumas situ-ações históricas e concretas procurando entender como se articula a busca de autonomia nos níveis: social, institucional e familiar.

3.1. No nível social

Na história de nosso país inúmeros foram os movimentos que buscaram concretizar seus espaços de vida. Movimentos

desde os povos indígenas que, de múltiplas formas frente o massacre dominador, caminharam procurando concretizar uma “terra sem males”. Isto é, uma terra onde pudessem viver em liberdade e se articular como sociedades autônomas. Passados 500 anos, segue emergindo o grito destes povos afirmando que por “menor que povos indígenas, possui o direito de se autodeterminar”. Este foi o clamor mais forte dos povos indígenas latino-americanos reunidos no Equador em 1990. Basta ver hoje as reivindicações dos povos indígenas, para percebermos como a sociedade trata com indiferença a luta pelo direito destes povos, especialmente a luta pela terra.

Outro forte grito pela autodeterminação tem sido a do povo negro. Isto desde os primeiros dias da escravidão. Inúmeras foram as revoltas, os Quilombos, construídos com uma organicidade própria, proclamando a autonomia e a independência diante do poder colonizador e escravocrata. Isto tanto na esfera política, econômica, como também na religiosa. Poderíamos enumerar vários movimentos que proclamaram a autonomia¹⁵, mas vou me ater a alguns ocorridos no final do século XIX e início deste.

Com a chegada do capitalismo agrário no final do século passado e o processo de reforma profunda na Igreja católica, os sertanejos que viviam numa simbiose com os coronéis e detinham a hegemonia da produção religiosa, perderam os seus referenciais. O coronel era padrinho dos filhos do peão, as famílias se mesclavam. Havia um contrato de apadrinhamento. O coronel se comprometia a proteger o peão e sua família, em contra partida, o peão prometia fidelidade e trabalho ao seu “dono”. A chegada do capitalismo agrário rompe esta estrutura e estabelece novas relações de trabalho. As relações passam a ser de patrão/empregado sem um compromisso além do trabalho. Esta mudança cria um desencantamento, o sertanejo sente-se sem referências, desamparado.

Praticamente no mesmo período, a Igreja católica promoveu uma profunda reforma centralizando o poder no clero. Tira das mãos dos sertanejos o poder religioso e centraliza nas mãos da hierarquia. Santos foram trocados, festas foram eliminadas, os santuários foram ocupados pelos membros de congregações religiosas. Houve um desencantamento no campo religioso. O Santo, que era um padrinho no céu, foi destronado. A simbiose foi rompida. Conseqüentemente o sertanejo sente-se abandonado pelo protetor terrestre e celeste. A incerteza, a insegurança pessoal e familiar é total.

É interessante observar que é neste período que surgem os grandes movimentos procurando encantar a vida do sertanejo. Entre estas organizações destaco especialmente Canudos e Contestado. Movimentos que proclamam sua autonomia. Proclamam sua independência e passam a gerir a própria vida.

15. Por exemplo: A Cidade do Paraíso Terrestre, Pernambuco, 1817; O Reino Encantado, Pernambuco, 1836; O Belo Monte, Canudos, 1875; Os Mucker, Rio Grande do Sul, 1875; Pe. Cícero, Ceará, 1875; Contestado, Santa Catarina, 1912; Beato Caldeirão, Bahia, 1935; entre outros.

Rompem com o estado e com a Igreja católica. São acusados tanto pelo Estado como pela Igreja de serem um “estado dentro do estado”. Controlam vastas regiões de terras com uma autonomia total.

O fato de romperem com os conceitos básicos da estrutura social estratificada inquieta profundamente a Igreja como também o Governo. Ambos os poderes unem-se para eliminar o inimigo comum: — a Igreja, no combate aos “marginais” que ultrapassavam a autonomia religiosa tolerada; — o Estado, na repressão armada contra os “rebeldes” que questionavam a ordem social. As autoridades estabelecidas vêem seus alicerces ruírem. Não suportam isto e utilizam todos os recursos até eliminarem por completo os “opositores”. A força destes movimentos foi impressionante. Eliade afirma que emerge uma força que “só o extremo desespero pode suscitar”.¹⁶ Creio que poderíamos também afirmar: emerge uma força que só a autonomia pode suscitar, a partir da potência individual e coletiva, que emerge da necessidade de se reposicionar na sociedade. Esta atitude faz emergir o conflito, isto porque são forças distintas que se confrontam, de um lado Estado e Igreja, e de outro os sertanejos. As organizações sertanejas procuram garantir a vida com todas as implicações: o poder opressor tendo em vista a expansão capitalista e para atingir também seus objetivos, se impõe utilizando os mecanismos de repressão e destruição. Ao analisarmos os movimentos de Contestado, Canudos, Lampião, Cabanagem, Mucker, entre outros, percebemos que não se deixaram cooptar pelas forças dominadoras, por isto foram eliminados.

Há outras formas de resistir no nível social, sejam organizados ou não, cada qual com seus objetivos específicos, destacamos: os “guetos” de jovens, o pentecostalismo, a umbanda, candomblé, movimento dos sem-terra, etc. São maneiras de resistir, protestar, “fugir” ou proclamar a autonomia e transformar a sociedade. Criam linguagem própria, articulam uma visão de mundo, aspirações e anseios que dão organicidade ao grupo e definem a identidade. É importante perceber que não há passividade frente à organização social excludente. É preciso também analisar e detectar até que ponto são organizações saudáveis. Pois inúmeras organizações procuram se auto-afirmar como alternativas sociais e não passam de legitimadoras da estrutura vigente. Rompem com um modelo de identificação e criam um novo modelo massificador. Pois, muitos movimentos excluem os que não entram na sua nova padronização.

A história tem demonstrado que muitos movimentos foram diluídos pelo fato de terem sido cooptados pela estrutura dominadora. Vale ressaltar que não é o caminho do sectarismo ou do fanatismo que garantirão mudanças profundas e a autonomia

16. Mircea ELIADE. *Mito e realidade*, p. 65

de um movimento. Creio que existem inúmeras possibilidades alternativas na sociedade além de se deixar englobar, cooptar, fugir ou de se atribuir uma “verdade absoluta”, como se houvesse um único caminho possível para articular a vida. Por isto, busca-se negar o outro, o diferente.

É preciso elaborar e articular as diferenças. Não dá para afirmar que as coisas estão prontas, acabadas. São mutáveis porque a verdade é dinâmica. Nada é permanente, isto significa adquirir a sabedoria da incerteza. Mesmo na incerteza, é possível articular a vida. A convivência social é conflitiva, pois são inúmeros os interesses que estão em jogo. Cada organização social procura se auto-afirmar, auto-regular, mas numa sociedade doentia é perigoso, como afirma Reich: “nenhum outro ponto da minha teoria pôs em perigo o meu trabalho e a minha existência tanto quanto a minha afirmação de que a auto-regulagem é possível, está ao alcance da mão, e é universalmente exequível”.¹⁷ Inúmeras questões permanecem. Creio que haverá avanço se a questão for a defesa da vida do planeta que está ameaçado, não é só o ser humano. É possível transformar se articularmos a vida em todas as direções.

17. Texto de Reich cita do por Paulo ALBERTINI, op. cit. p. 70.

3.2. No nível institucional

Dentro desta reflexão, procurando resgatar a autonomia, destaco no plano institucional o papel da Igreja católica. Talvez, algumas referências “sirvam” para outras instituições.

Na organicidade da Igreja católica a questão da autonomia não tem espaço. Por se julgar detentora do poder divino por excelência, não cabe em suas estruturas o diferente. As leis, normas, dogmas, são universais e, por esta razão, inquestionáveis. O poder divinizado não se questiona. Esta lógica interna leva os seus membros a uma simbiose e uma conseqüente infantilização. Para se “dar bem” é preciso manter a simbiose. O diferente, a estrutura não suporta, por isto utiliza de todos os recursos para cooptar. Quando isto não é possível, exclui. Para massificar cria um processo de recrutamento e de educação que visa mais “formatar”, do que desencadear um processo de construção da identidade. Neste sentido o processo de formação interna reforça a simbiose familiar, apenas transfere para outra mãe.

Os resultados desta simbiose são muito sérios por gerar nos seus quadros uma imaturidade como seres humanos. Isto se observa nas relações infantilizadas, com preocupações alheias à dinâmica das inter-relações em cada realidade. Não há uma percepção do real. As relações se dão pelo ideal de “santidade”, mas como ninguém a atinge, na grande maioria são frustrados e estão estagnados. Uma recente pesquisa feita pela CLAR (Con-

ferência Latino-Americana de Religiosos) constatou que 70% dos membros da Vida Religiosa estão estagnados, isto é, sem metas e perspectivas de vida — cumpridores de tarefas, mas sem nenhum entusiasmo pela vida.

O processo de formação intra-eclesial é eficiente para reforçar a infatilização e impedir a autonomia. Claro que existe uma realidade familiar anterior, de cada pessoa, mas sem dúvida nestes espaços também os princípios religiosos católicos possuem muita força. A escolha desta instituição tem muito haver com a influência dela no ambiente familiar. Espaços que pouco ou quase nada favorecem o desenvolvimento da individualidade.

O mais dramático é que dentro da estrutura eclesial muito se fala daquilo que na realidade não quer que aconteça: “lute pela vida, verdade, direito, liberdade, autonomia, ...”, quando estes caminhos se abrem emerge o medo do alcance, medo de perder o controle. É preciso reprimir. O imprevisível, o natural, o mutável, não tem espaço. Há respostas universais para tudo, mas sabemos que na dinâmica concreta da vida não funcionam.

Sinto ser difícil ou impossível conquistar a individualidade dentro do modelo eclesiástico oficial atual. Pois a articulação interna se dá no sentido de defender o “projeto maior” institucional, deve acontecer a vida da instituição e não do indivíduo.¹⁸ Sem dúvida, que alguns membros e organizações abrem brechas de vida centrada no ser humano, mas são raros. Se observarmos todo o processo das CEBs, CPT, CIMI e outras pastorais que atuam no social, elas não encontram eco na maior parte da estrutura hierárquica. Enquanto que o Movimento Carismático, pelo fato de reforçar a simbiose, tem todo o respaldo e incentivo da estrutura hierárquica. Há situações piores em que se busca uma fusão entre os membros. Isto é, um útero quentinho, mas com o tempo se torna desconfortável porque já passou da hora de nascer. Não só, passou a hora de engatinhar, é hora de ficar de pé e caminhar. Quem quer existir ou vai embora ou busca outra instituição.

Infelizmente muitas das organizações que emergiram no nível social proclamando a autonomia e, por esta razão, romperam com a Igreja católica, na prática cotidiana continuam construindo a massificação das pessoas, alienando-as de si mesmas.

Sempre há possibilidades de potencializar as pessoas; pois, enquanto há vida — há possibilidades. Sem dúvida, que é preciso romper a simbiose sem a qual a autonomia e conseqüentemente a vida não emergirá. Pelo fato dos membros das instituições terem uma fraca identidade, a influencia estrutural é muito grande. Dentro disso, um caminho saudável não é buscar a adaptação e sim, uma nova postura de vida.¹⁹ Aprender a lidar com a diferença romperá a lógica da estagnação, da culpa, rumo à responsabilidade.

18 . Cf. Clodovis BOFF. Uma análise de conjuntura da Igreja Católica no final do milênio. In: *REB* 1996-mar.. Entre outros aspectos ressalta que o discurso da Igreja Católica para fora é aberto e repressor no que se refere aos quadros internos.

19 . Dentro desta questão creio que as reflexões organizadas pela SOTER quanto a profissionalização da Teologia assumindo os novos paradigmas são fundamentais nesta busca. Cf. Márcio FABRI DOS ANJOS (org.). *Teologia: Profissão*. São Paulo, SOTER/Loyola, 1996. Ver também José COMBLIN. *Cristãos rumo ao século XXI*. Nova caminhada de libertação. São Paulo, Paulus, 1996.

3.3. No nível familiar

Outro espaço em que os bloqueios se estabelecem, impedindo a individualidade, é o familiar. Inúmeras são as formas de como isto se dá. Proponho-me a resgatar apenas um destes aspectos.

Em meu trabalho na periferia de São Paulo, muitos são os casos que tenho acompanhado, e sigo auxiliando, nos quais a questão básica é a relação no casamento. Normalmente são mais mulheres que me procuram para compartilhar o drama da vida. Relato um caso para ilustrar. Para isto, utilizarei o nome fictício de Miriam.

Miriam, nascida numa cidade pequena de Minas Gerais. Ambiente onde as relações eram de profunda dependência do patrão. A família toda trabalhava na agricultura, mas não possuíam terra. No ambiente familiar o pai reproduzia a dominação e humilhação sofrida por parte do dono da terra. Chega o período da adolescência da jovem Miriam. Esta passa a namorar às escondidas. Descoberta, o pai se irrita, castiga e proíbi o namoro. Poucos meses depois, apresenta à jovem Miriam o filho de um dos seus amigos e encaminha o casamento. Sem chances de reagir dentro do ambiente, a jovem se casa. O estupro se dá desde a primeira noite. Passado pouco tempo do casamento, migram para São Paulo. Chegam as filhas (três), mas a submissão persiste pela postura machista do marido. Passados vinte e um anos, numa viagem à Minas Gerais surge uma nova relação de Miriam com um primo, pelo qual tinha já uma grande afinidade. Concretiza-se uma relação sexual e, pela primeira vez, atinge o orgasmo. Este encontro, a insatisfação pelos vinte e um anos de submissão, as influências do contexto de cidade grande, o cansaço e agonia constante, desestruturam ainda mais a relação já precária. Dá-se uma ruptura com o marido. Dorme em camas separadas e não mais se submete a ele. Passa a fazer coisas que queria ter feito e nunca pode: sair, ir a shows, passeios, vestir-se como gosta, visitar amigos, participar de comunidade, etc. Isto tudo se dá em meio a uma série de conflitos: por um lado sensação de liberdade; por outro, culpa, medo inclusive dos pais (já falecidos) — será que vão me perdoar? A conquista da autonomia não se dá sem assumir os conflitos.

É interessante observar que, mesmo com uma série de medos, a vida vai desabrochando para Miriam. A preocupação central num primeiro momento era a nova relação, hoje é ela o centro do processo. Percebe que aprofundar algo com o primo seria a “desgraça”. Entraria ainda mais na própria família, o que impediria o seu processo de auto-conhecimento. Esta busca já vem se desenvolvendo há três anos e cada vez mais ela vai percebendo seu potencial e expressa isto nas organizações do

bairro. Vai sentindo segurança, se auto-afirmando como pessoa, como mulher. As relações com outras pessoas são mais leves e em maior número.

Creio que este caso possa ser analisado sob diversos ângulos. Para o nosso objetivo o que destaco é a atitude de ruptura com o estabelecido, isto em parte é claro. Ruptura da simbiose familiar e social, onde o papel da mulher, já preestabelecido, é o de estar a serviço do marido e da família. Esta busca da própria identidade possibilita a autonomia que com toda certeza é libertação, com todas as implicações.

O que se constata é que a família atribui papéis aos seus membros e faz o possível para que não quebrem o jogo. Necessita do jogo para manter o "status social", não importa de que classe social seja.

O processo de individualização no ambiente familiar não é aceito com tranquilidade e, em grande parte, é impedido. É preciso ser "igual", o diferente incomoda. Na microestrutura percebemos que a vida emerge pelas exceções, não pela lógica da identificação. A massificação da macroestrutura se reproduz na microestrutura. Claro, que não podemos esquecer — para chegar à identidade, individualidade, autonomia, num momento passa pela não definição, assimilação de um modelo, para então poder criar e desenvolver a própria especificidade.

É no processo de busca de autonomia que se dá a saúde. No caso que relatamos, a crescente tomada de consciência da identidade já tem livrado Miriam de úlceras e outros problemas. Qual a direção que ela irá tomar na vida? Só ela dirá e com o tempo. Creio que dentro do processo de dialogo da vida os rumos são imprevisíveis. Creio que a única coisa previsível é a saúde, se o processo fluir. Isto comprova a afirmação: "a normalidade não significa saúde". A saúde emerge da dialógica vital em todos os sentidos.

Ao concluir cabe recordar a afirmação de Reich que se contrapõe às práticas educacionais autoritárias; afirma que a educação "é a única esperança real que o homem tem de dominar um dia a miséria social" e continua: "A verdade é a mais potente arma na mão da vida".²⁰

Não dá para aceitar passivamente a miséria social, o estado permanente de infelicidade, a destruição, é preciso sim depositar as esperanças no desenvolvimento das capacidades humanas e na alegria de viver. Esta possibilidade continua fazendo emergir vida em inúmeros espaços.

A questão ideológica da sociedade permanece com todo o seu aspecto castrador, inibidor, mas sinto que a busca da autonomia, da individualidade possibilita o "jogo" de papéis e o verdadeiro encontro em todos os campos. Sem individualidade

20. Wilhelm REICH. *O Assassinato de Cristo*. p. 209.

está claro que não tem encontro. Encontro prazeroso que emerge de relações saudáveis dentro do dinamismo “se tomar, se oferecer e saber se retomar”. Encher-se de luz e emitir esta luz sobre o outro. Dinamismo este sem exigências de que as coisas devam dar “certo”.

É urgente o resgate da cultura da solidariedade para que todos possam ter vida digna. Vencer a indiferença e entender que todas as coisas estão interligadas. Todos os acontecimentos setorizados tem tudo haver com o universal. Sejam acontecimentos de vida ou morte somos influenciados diretamente.

O que se percebe no agir pastoral é que a grande maioria não podem existir. Nas reuniões diocesanas muitos agentes não podem existir, são obrigados a aceitar o modelo episcopal. O mesmo ocorre no nível paroquial em que o modelo é o padre. Na comunidade é a liderança; na família, o marido; no país, o presidente. Impedir a autonomia garante a sobrevivência dos modelos estabelecidos. Romper estes esquema exige muita saúde, pois as tentativas de conquistar a autonomia são desprestigiadas e consideradas ilegítimas. É preciso analisar cada situação concreta, pois a autonomia é o único caminho para construir relações saudáveis no campo social. De forma nenhuma significa fechamento, sectarismo. Antes, é sim abertura ao dialogo que tem em vista aquilo que se afirma tanto teoricamente “vida para todos”. Traduzir isto no concreto é desencadear um processo de construção da identidade. A maturidade emerge da atitude de responsabilidade pela própria vida e pelo rumo da história. Enquanto não desmamar é impossível encontrar caminhos e atuar no campo social. As inúmeras ciências nos ajudam a entender este processo, mas não podemos esquecer que a saída é sempre política.

Aprender a dança da vida é a nossa missão primordial. Como afirma a canção: “A dança é a mistura das Bandeiras e o som não tem fronteiras”. Louvo a Deus da vida pelos que optam e entram na dança da vida com seus ritmos e nos convocam a construir a autonomia a partir de nosso biorritmo e continuar a dança.

*P. Antonio Boeing
Psicólogo, Professor de Teologia Pastoral
Instituto Teológico São Paulo (ITESP)*